



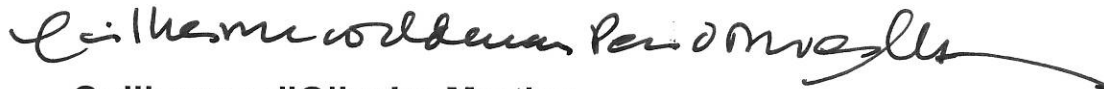
Declaração

*Tendo vindo a acompanhar desde há muitos anos a árdua e incansável luta, tornada pública e conduzida pela crítica de arte Maria João Fernandes, para a preservação da obra, e para a dignificação do nome, do arquiteto aveirense **Francisco Augusto da Silva Rocha** (1864-1957), seu bisavô, o expoente maior da arquitetura Arte Nova portuguesa, autor dos principais edifícios Arte Nova do centro histórico de Aveiro, cidade por sua causa considerada, por José-Augusto França, capital da Arte Nova portuguesa, hoje candidata, por este motivo, a capital europeia da cultura.*

Tomei conhecimento de um amplo movimento para que seja atribuído o seu nome ao Museu de Arte Nova de Aveiro de que é autor, ex-libris da Arte Nova portuguesa, e também do facto lamentável de que os seus restos mortais e os da sua Família foram desalojados do seu Jazigo no Cemitério Central de Aveiro, para serem colocados numa única sepultura de terra.

Reconhecendo o valor desta obra ímpar e deste insigne arquiteto, como historiador e defensor dos valores da cultura, e na minha qualidade de Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, venho apresentar e subscrever uma Petição Nacional pela dignificação da sua memória, para que seja atribuído o seu nome ao

Museu de Arte Nova de Aveiro e para que os seus restos mortais regressem ao seu Jazigo de Família, nº 32, de João Pedro Soares, no Cemitério Central de Aveiro, de onde foram retirados.



Guilherme d'Oliveira Martins

Administrador da *Fundação Calouste Gulbenkian*

Lisboa, 4 de Março de 2020

Cartão de Cidadão 